

V CBEO - Curitiba



V CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS
Curitiba-PR - Brasil

PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS EM UMA ASSOCIAÇÃO DE CATADORES: UMA ANÁLISE SOB
A PERSPECTIVA DE CERTEAU

Franciely Chropacz (Universidade Positivo) - francielych@gmail.com

Auditora Fiscal do Município de Pinhais, docente da Universidade Positivo, mestre em Administração, graduada em Direito.

Yára Lúcia Mazziotti Bulgacov (Universidade Positivo) - ybulgacov@gmail.com

Ph.D. em Educação – UESP- Universidade Estadual São Paulo-Campus Marília. M.A. Psicologia – PUCSP- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pesquisadora na área de Psicologia do Trabalho e das Organizações, com ênfase na perspectiva e em procediment

CONTEXTUALIZAÇÃO

O campo desta pesquisa acadêmica é uma associação de catadores de materiais recicláveis, localizada no Município de XXXXX. A organização foi constituída no formato de associação, permitindo que os atores, que realizam a atividade laboral naquele lugar, também possam contribuir para a gestão desse empreendimento. Ela foi criada há mais de oito anos e é a única a operar, nesse formato, naquele Município. Atualmente, lá trabalham trinta associados os quais realizam diversas tarefas para a separação e posterior venda dos materiais recicláveis. Diante dos elementos que a individualizam e devido ao interesse da pesquisadora nesse campo de pesquisa, essa organização foi escolhida com a finalidade de revelar as ocorrências organizacionais que ocorrem naquele lugar e que transformam o catador em gestor de suas práticas.

OBJETIVOS

Tem-se como objetivo geral analisar a organização sob a perspectiva das práticas sociais. Os objetivos específicos são: caracterizar as “práticas comuns”, as maneiras de fazer, as criações anônimas e suas relações coma gestão da associação, bem como, apreender os sentidos construídos pelos associados na gestão das práticas.

METODOLOGIA

Foi realizada pesquisa qualitativa visando analisar os dizeres e os fazeres dos catadores mostrando as práticas organizacionais cotidianas desta associação. Realizaram-se diversas visitas ao campo com a intenção de realizar observações, gravações, fotografias, entrevistas abertas, conversas informais e separação de materiais recicláveis com os catadores, com a finalidade de apreender com os associados os sentidos, os dizeres e os fazeres construídos na prática do associativismo. Todas essas ações tiveram a intenção de revelar a dinâmica do lugar, bem como se desenvolvem as práticas organizacionais com a finalidade de retratar, pormenorizadamente, os detalhes que o cotidiano frequentado pelos catadores pode proporcionar aos estudos científicos.

RESULTADOS

A obra de Certeau inspirou a análise dos resultados, os quais foram estruturados em três grupos: os dizeres, os fazeres e as táticas. Essa disposição foi desenvolvida para destacar os dados encontrados no campo, no sentido de revelar diversas possibilidades de práticas organizacionais em poucas linhas de argumentação. Compreende-se que a observação e descrição das falas e dos agires, assim como o conhecimento das adaptações cotidianas realizadas revelam como é a associação dos catadores e de qual maneira eles se tornam gestores das próprias práticas.

A forma de falar encontrada no campo revela as práticas cotidianas, os acordos entre os atores, quais são as regras praticadas naquele lugar e quais as lógicas aplicadas diante das circunstâncias concretas (CERTEAU, 2014, p. 78). A forma de falar dá personalidade a quem fala e a organização, visto que as palavras têm trajetória (CERTEAU, 2014, p. 68) e geram resultados concretos que podem ser captados no pedido de auxílio para realizar uma atividade, avisando sobre o funcionamento de um equipamento, chamando para o almoço, informando qual o destino de um material ou a chegada de um caminhão com recicláveis.

São exemplos de falas que traduzem um significado singular para aquele agrupamento: “nós nunca para, se não faz uma coisa, vai fazer outra”; “não tem prazo, mas tem pressa”; “pega o outro aí Maicon, fica morgando fio”; “trabalhar é com a mão e não com a boca” são confirmações do *modus operandi* dessa organização. O falar na associação de catadores, impõe um ritmo de trabalho, relembra ao associado como deve ser o seu

comportamento naquele lugar. No entanto, a atenção à linguagem de uma organização não revela somente termos específicos daquele lugar, mas também como aquela organização funciona. “Se não produz, não ganha” indica a cultura do lugar, porque essas práticas têm “significado para aquele que as realiza” (CERTEAU, 2014, p. 142): é necessário trabalhar sempre, sozinho ou em conjunto, mas produzir para garantir seus rendimentos e o do grupo. Aquela fala igualmente revela a velocidade que é própria daquele lugar: não há perda de tempo.

A forma de falar permite compreender como os atores se comportam, como as rotinas são criadas, como o trabalho é estruturado de forma lógica para alcançar um objetivo. A fala constrói uma realidade ao mesmo tempo que permite que o ator se manifestar sobre ela e como ele a recebe e a interpreta: “aqui ganho o meu dinheirinho e faço o bem para o mundo inteiro”, “isso não é lixo, é dinheiro”. A fala completa transmite orgulho pela atividade desenvolvida. As explicações sobre o uso dos equipamentos são detalhadas revelando que os atores compreendem a dinâmica das várias atividades que são desenvolvidas na associação.

Estar sempre trabalhando é uma prática feita e respeitada por todos. É uma ocorrência cotidiana que indica como se trabalha naquele lugar. Cerateau destaca os pequenos detalhes que formam o dia a dia: “a *everyday life*, a vida cotidiana” (CERTEAU, 2014, p. 62). O ritmo de trabalho é um produto organizacional daquela instituição, assim como a adaptação aos agentes externos conforme os caminhos da coleta seletiva encaminham produtos para a reciclagem (que são as “maneiras de fazer”). Os materiais que chegam pelos caminhos da coleta seletiva são separados de forma diversa daqueles que são trazidos pelo veículo da associação. Os comportamentos dos atores externos à associação afetam os fazeres internos (CERTEAU, 2014, p. 41).

As “maneiras de fazer” constroem processos organizativos. Elas são formas de realizar determinadas atividades sociais que ocorrem o cotidiano de trabalho do catador, com a finalidade de operacionalizar a atividade e seus atos de gestão. As “maneiras de fazer” podem ser replicações de práticas que já eram realizadas anteriormente, mas, também, há àquelas que são criadas conforme as necessidades inerentes da organização estudada.

As maneiras de fazer formam um “sistema” que se organiza para um “fim” (CERTEAU, 2014, p. 131): os atores formam os seus fardos da mesma maneira, embora estejam em lugares diferentes dentro do barracão. O novato foi ensinado e replicou o mesmo comportamento do veterano, percebe-se a atuação do acultramento: aquele que ingressou no dia anterior já estava trabalhando como um veterano naquela atividade. O acultramento revela que a organização possui um patrimônio (CERTEAU, 2014, p. 120), que é um hábito repassado entre os atores e por eles assimilados. Nessa fase não há nem improviso ou liberdade no agir, há a existência de um procedimento já experimentado anteriormente que é replicado: “Noutras palavras, deve haver uma lógica dessas práticas. Isto significa voltar ao problema, já antigo, do que é uma arte ou “maneira de fazer”.” (CERTEAU, 2014, p. 41).

As “maneiras de falar” e as “maneiras de fazer” permitem conhecer a utilização das táticas conforme as ações vão acontecendo. As táticas são ocorrências decorrentes das “astúcias” do praticante (CERTEAU, 2014, p. 37). Elas possuem lógica e seu conhecimento revela que o praticante aproveita-se de uma oportunidade para alcançar um resultado mais efetivo. Sua revelação complementa o que é feito na organização, retirando da invisibilidade circunstâncias que aproximam o praticante da organização, vez que demonstra como esse se aproveita das oportunidades ao seu redor. A tática é uma maneira própria de falar ou fazer, aproximando-se de uma “arte” ativa (CERTEAU, 2014, p. 49), coerente com o ambiente e com o ator que a realiza.

O processo de incorporação da esteira rompeu com o hábito anterior de separar materiais em mesas. Com a alteração de algumas práticas cotidianas há a criação de outras, tece-se uma nova teoria (CERTEAU, 2014, p. 163), impondo diversa cultura. A esteira, com

sua velocidade constante, exigiu que os atores utilizassem artefatos para conseguir rever o material que passava na sua frente. Os artefatos não eram nada mais que pedaços de outros recicláveis que pudessem rebater os recicláveis contra o fluxo da esteira, permitindo uma revisão do material mais acurada. Não houve gratuidade nesse arranjo, ele ocorre para aperfeiçoar a separação dos materiais, portanto nasceu em decorrência de uma necessidade que precisava ser sanada, demonstrando que as engenhosidades (CERTEAU, 2014, p. 40) organizacionais nasceram de uma deficiência que precisava ser sanada.

A coordenadora do grupo fora chamada de “aquela jacutinga”, em um contexto que remetia o exercício da liderança. Certeau sustenta que há uma lógica na realização das práticas (2014, p.41), é uma “maneira de fazer” que se sujeita a alguma regra decorrente de uma “maneira de pensar” combinada de “uma arte de utilizar” (CERTEAU, 2014, p.41). Dessa forma, a língua pode ser vista como um demonstrador da conjuntura no qual ela está inserida. É um estilo próprio que mantém a identidade do grupo, protegendo-os, individualizando-os e alcançando determinada finalidade.

As estratégias e as táticas (CERTEAU, 2014, p. 93) são “maneiras de pensar as práticas cotidianas” (CERTEAU, 2014, p. 97). O cumprimento de requisitos formais por parte da (por exemplo, a emissão de notas fiscais eletrônicas pela associação), que poderia ter sido dispensado para que se potencializasse a atividade produtiva, mostrou-se uma ação eficaz para a atração de lucros. O material trazido pelo caminhão da associação traz, além do que será reciclado, outros materiais que precisam ser descartados: “onde pega o bom, tem que pegar o ruim também”. Constatou-se que há uma espécie de cortesia entre as organizações: a associação acaba recebendo e se desfazendo daquilo que a outra instituição não fez, como uma regra de boa conduta empresarial para que continue estabelecendo parcerias e ampliando sua rede para recebimento de recicláveis.

As práticas reveladas não são detalhes menores dentro das organizações, pois são ocorrências diárias que sustentam essa corporação e lhe permitem caracterizá-la. Podem ser comparadas a pilares invisíveis que interessam ao “historiador do cotidiano” (CERTEAU, 2014, p. 31), vez que indicam procedimentos que foram adotados perante situações que ocorriam, com o intuito de estabelecer parâmetros organizacionais para o desenvolvimento da atividade empresarial.

CONCLUSÕES

“Os relatos de que se compõe esta obra pretendem narrar práticas comuns” (CERTEAU, 2014, p. 35), decorrentes das atividades realizadas em uma associação de catadores de materiais recicláveis. Esse campo foi escolhido para demonstrar que as organizações ocorrem de diversas formas e a observação das práticas organizacionais, diretamente no ambiente que ocorrem, revela detalhes do cotidiano até então desconhecidos.

Esse resumo expandido reproduziu alguns dos achados encontrados no campo. Essas práticas indicam que na sua realização há sentidos próprios que são dados pelo catador na realização da sua atividade, como o material que precisa ser revisado na esteira e por isso é relançado por meio de um artefato. Essas perspectivas foram captadas diretamente dos associados, observando-se o contexto da sua ocorrência e qual era a finalidade obtida. Dessa forma, o estar no campo, com o catador, proporciona a aproximação necessária para captar detalhes organizacionais, que são relevantes para a compreensão da essência daquele lugar.

Quando se conhece as “artes de fazer” (CERTEAU, 2014, p. 81), pode-se compreender como se procedeu a sua instituição, realização e o porquê da sua ocorrência. Os detalhes da prática cotidiana, igualmente revelam a cultura organizacional daquela instituição, porque são várias ações que precisam ser efetivadas para que a associação possa obter sucesso financeiro para ser repartido entre os associados.

Narrar e ver, mesmo que de forma fragmentada (CERTEAU, 2014, p. 133), como são feitas as práticas, permite que elas revelem como os indivíduos as procedimentalizaram. As “maneiras de fazer” constroem processos organizativos que levam os catadores a adaptarem e criarem práticas organizacionais para a melhor realização da sua atividade. A maneira como são feitas, e como os profissionais se organizam diariamente, demonstra que o catador vai adaptando seu trabalho conforme os eventos vão surgindo, tornando suas ações mais efetivas constantemente.

Os achados de pesquisa gravitam em torno de três situações: linguagem, ações e finalidade. Procurou-se ouvir o que se fala, como se fala, quando se fala, quais os reflexos que os dizeres produzem, como os agentes atuam nesse lugar, quais são os fazeres produzidos e por qual motivo agem. Dessa forma, a linguagem reflete um conjunto de informações que são compreendidas e replicadas por aqueles que estão inseridos naquele ambiente, de igual maneira que indicam o clima daquela organização, o ritmo de trabalho e como o comportamento dos atores é influenciado por ela.

O que se fala e como se fala cria um “estilo”, uma característica particular, refletindo nas maneiras de produzir, de se comportar e de alcançar um “fim”. As “maneiras de fazer” são comportamentos adotados pelos atores. A observação da forma de proceder indica que os processos foram adotados diante de situações reais, com o intuito de estabelecer parâmetros organizacionais efetivos e ordenados, cujo sentido precisou ser compreendido para ser revelado.

As ocorrências naquele lugar permitem compreender que, ao mesmo tempo em que realiza sua atividade, o catador efetiva uma espécie de gestão do seu ofício, bem como da tarefa desenvolvida pelo outro colega: “pega o outro aí Maicon, fica morgando fio”. Fazer-se gestor da própria atividade, criar operacionalizações para melhor efetivá-la, aproveitando-se das oportunidades estabelecidas pelo seu cotidiano, promovem o catador a outra categoria de trabalhador, na qual ele tem poder e controle sobre as tarefas que realiza e do negócio que participa. O sucesso na realização das atividades da associação não é uma tarefa solitária, tampouco hierarquizada, mas planejada no sentido de estar distribuída entre todos integrantes da associação, não há como ser um associado inerte nesse cotidiano no qual ele está inserido.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2014.